



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## MÉDICOS E CIRURGIÕES. A DEMANDA DO GRAU.

PINA, Luís de

Ano: 1931 | Número: 41

---

### Como citar este documento:

PINA, Luís de, Médicos e cirurgiões. A demanda do grau. *Revista de Guimarães*, 41 (4) Out.-Dez. 1931, p. 238-249.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Médicos e Cirurgiões. A demanda do Grau

---

Quando gizara o plano da obra em que deixei historizada a vida médica de Guimarães, desde eras longínquas até 1850 <sup>(1)</sup>, sabia bem que muitos factos importantes seriam postos de lado; a vastidão da matéria e a curteza do volume peavam meu desejo.

Abandoná-los, esquecê-los, perderem-se no bafio desolador dos fundos das gavetas, era trabalho em vão; por isso novamente arejo a papelada que desde então amontoei no escuso do meu arquivo, para trazer à luz de nossos dias curiosos aquilo que então, mau grado meu, arrumei na sombra estéril dos falsos da minha escrevaninha.

A vez agora cabe a registos de notas ceifadas dos livros de termos da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, na parte que diz respeito ao seu Hospital, um dos melhores e mais bem servidos de clínicos que existiu em Portugal e cuja história honra a terra em que foi erecto, para bem de todos.

Sabido é que, após a criação das Escolas de Cirurgia de Lisboa e Pôrto e, algum tempo depois, das Escolas Médico-Cirúrgicas das mesmas cidades, Coimbra, ufana e vaidosa nos seus pergaminhos universitários, orgulhosamente proclamava, pela bôca muita vez inconveniente dos seus laureados e doutores de medicina, ser ela a única *mater sapientiae!* Todos os que nos caudais fluentísimos das suas cátedras seculares não bebessem festivamente a linfa das erudições e sabedorias famosas, mais não eram que uns tolos ignorantes, armando em festão ridículo o diploma modesto que as demais modestas Escolas entregavam

---

<sup>(1)</sup> Luís de Pina — *Vimaranes*. Materiais para a história da Medicina Portuguesa. Antropologia. Arqueologia. História, 1929. Pôrto.

a seus filhos; e se bem que falhas eram de alardes retumbantes na glória e na tradição, as reduzidas Escolas de Lisboa e Porto mostravam-se desejosas de bem preñar seus discípulos com as qualidades necessárias à vida prática: a honestidade indubitável, a ciência segura, o medido pensar, a compostura modesta, tais aquelas que muitos dos seus Mestres patenteavam, quer no convívio social, quer do alto da digna cátedra.

Dai, brava celeuma, rigíssima demanda à conta do Grau que os da Beira-Mondego estadeavam impantes e os da Beira-Douro e Tejo não podiam revelar, que a tanto não subira nas Leis do Reino a importância das Escolas donde saíram!

As disputas enrubesceram no fogo que as alentava, duma e outra banda.

Palavras às mil se perderam, tinta em demasia se verteu no papel dos litígios.

Umias passaram, outras o tempo amigo as conservou, piedosamente.

De entre os escritos de então pude haver alguns; a sua cópia e comentários rechearão êste pobre trabalho que mais não vale senão pelo entusiasmado orgulho com que o seu autor, filho da Faculdade em que frutificou a velha Escola nascida há pouco mais dum século, o adorna sinceramente!

No livro 18.<sup>o</sup> dos Termos da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, e apenso ao final, se encontra o seguinte requerimento dirigido à Mesa, assinado pelos Drs. *Manuel José do Souto Coelho e Oliveira* e *José Joaquim da Silva Areias*, clínicos da Santa Casa, formados por Coimbra:

Os abaixo assignados, Medicos Assistentes do Hospital de que V. Ex.<sup>as</sup> são Dignos Administradores, vão a prezença de V. Ex.<sup>as</sup> pedir a graça de lhe augmentar os seus Ordenados, porq̃ os que até agora, e ha muntos annos tem recebido he diminutissimo, attendendo ao muito trabalho q̃ os supp.<sup>es</sup> tem com os doentes a seu cargo

Ex. mos S.<sup>rs</sup> V. Ex.<sup>as</sup> não ignorão, antes sabe munto bem, e melhor que todos que o movimento dos doentes no Hospital he sempre maior os dos Medicos e muntas vezes dobrado, e não poucas superior a dois terços ao dos Cirurgiões; que as vezitas dos Medicos, em razão de serem infernas as molestias de q̃ tratão, são mais perigozas, mais melindrozas, e muntas vezes contagiozas, e por isso percizam de maior attenção, e cuidado. Todos os Medicos que tem dirigido o Hospital tem sofrido a infes-

são fevriil, é horrivel, e mortal tippo adquirido vizivelmente nelle; todos estiverão em perigo de vida, e hum morreu. Falem todos os tres que existem vivos, porque outro tanto não podem dizer os Cirurgiões; estes podem livrar-se dos maus ares, e dos perigos, aquelles he impossivel. Em 1832 foi tão manifesta a infecção em hum dos abaixo assignados, tal o perigo q̄ correu, que a Meza desse Anno o beneficiou generosamente com a Gratificação extraordinaria de 120\$000 alem do seu ordenado! He por isso, Ex.<sup>mos</sup> Sr<sup>es</sup> que os medicos gastão nas suas vezitas hũa grande parte da manhã; poucas vezes menos de duas horas, e quasi sempre d'ahi para cima, de sorte que nos Mezes de suas obrigações, e principalmente na Estação invernosa, e de manhã, não tem os Supp.<sup>es</sup> tempo de vezitar outros Doentes fora do Hospital. Os supp.<sup>es</sup> jamais fizerão vezitas de córrida; e p.<sup>a</sup> topar geira. E se por Mizericordia de D.<sup>os</sup> o movimento geral dos Doentes no Hospital não tem sido grande ha dois annos, não foi assim em todos os anteriores, nem he de crer que assim continue por que as necessid.<sup>es</sup> da mizeria publica augmentão.

Alem disso os Medicos do Hospital não só traão os doentes contidos nelle, mas tambem os Invalidos, cujo Hospital vezitão, e os Prezos da Cadea da Relação, digo, da Correição; obrigações estas que os Medicos nunca tiveram, mas que lhe forão postas em sertã Epoca, sem que as acompanhasse hũa remuneração correspondente: esta epoca he já bem longa, e elles, sem se queixarem, tem cumprido religiosamente este dever, até mesmo por q̄ era obra de mizericordia. E ainda isto não é tudo. Os Medicos são sempre convidados p.<sup>a</sup> coadjuvarem os Cirurgiões nas Operações, que tem de fazer-se no Hospital, e elles jamais se negarão, prestando os seus serviços á humanidade enferma, como convem, e he da honra e dignid.<sup>de</sup> da Caza.

Logo comparadas aquellas obrigações, e trabalho que os Supp.<sup>es</sup> tem para satisfazellas, claramente se conhece que aquelle ordenado de 100\$00 he munto diminuto.

E tanto assim he que os Cirurgiões do Hospital, prestando menores serviços, ganhão maior ordenado; por que comquanto estejão nelle iguallados aos Medicos, da-se-lhe todavia o titulo de Gractificação e Ordenado, que pelo lançamento pertence ao Ajudante de Cirurgia, q̄ actualmente não existe, sendo certo que os Enfermeiros são os que practiçãõ tudo quanto estava a cargo do dito Ajudante.

S.<sup>rs</sup> os Medicos nem tem nem podem ter Ajudantes, que não sejão da Faculdade; todo o seu trabalho é inexequivel por q.<sup>m</sup> o não seja, por q̄ he todo intelectual; e dos Cirurgiões a maior parte he manual, e por isso exequivel na generalidad.<sup>e</sup>. O q̄ tem de intelectual abrange bem pouco tempo. Dignem-se por tanto V. Ex.<sup>as</sup> comparar o merecimento d'hũ, e outro.

Por estas razões, e por q̄ o Grao que a Universid.<sup>e</sup> conferira aos supplicantes de Bachareis formados em Medicina deve por enquanto ter na Sociedade algũa consideração, mais para o effeito dos Medicos não serem iguallados aos Cirurgiões, que ate agora inda não obtiverão esse Grao, julgão os Supp.<sup>es</sup> estar nas circunstancias de merecer de V. Ex.<sup>as</sup> a graça que implorão de lhe elevar o seu Ordenado ate a quantia, que julgarem justa, e que os supp.<sup>es</sup> merecem.

Finalmente os Supp.<sup>es</sup> vão animados, e na esperança de conseguir o que pedem, lembrando-se, e lembrando a V. Ex.<sup>as</sup> que todas as Mezas da S.<sup>ta</sup> Caza da Mizericordia, que se seguirão, sem excepção d'huma unica, aquella que ha muntos annos iguallou os Ordenados dos Cirurgiões aos

dos Medicos, conhecendo hũa tão palpavel ijuística, tiverão a carid.<sup>o</sup> de pagar sempre annualmente as Decimas a estes, e estão certos q̄ lhe augmentarião os Ordenados se elles o tivessem requerido.

Os supp.<sup>es</sup> esperão de V. Ex.<sup>as</sup>  
esta Graça e R. M.<sup>o</sup>

*Manuel Joze do Souto Coelho, e Oliv.<sup>a</sup>*  
*Joze Joaquim da Silva Areias.*

(Sessão de 30 de Abril de 1862).

A Mesa, atendendo ao exposto, houve por bem augmentar-lhe os honorários para 150 mil réis a cada um, anuais. Nesse mesmo ano de 1862 os respeitáveis Mesários recebiam outro requerimento, cuja cópia textual segue:

Ill.<sup>mo</sup> Sr. Provedor e mais Mezarios da Santa  
Casa da Misericórdia de Guimarães.

Senhores:

Perante vós vem os abaixo assignados cirurgiões do Hospital da Santa Casa, que vós dignamente administraes, pedir-vos a graça de lhes augmentardes os seus ordenados, já porque são diminutos os que ate agora percebem comparativamente com o trabalho que desempenham, e já porque o preço das subsistencias tem augmentado ha annos a esta parte; razões estas que obrigam os seus collegas e companheiros, a cujo cargo está a repartição medica, a pedir-vos igual augmento Senhores — De ha muito tempo que as enfermarias de cirurgia estão quazi sempre cheias de doentes (como na prezente occasião) o que antigamente não acontecia, por isso que se não curavão aqui algumas molestias que hoje se curam, nem se faziam as operações que hoje se fazem. Se em algumas occasiões tem sido maior o numero de doentes em medicina, em outras tem acontecido o contrario, e d'ordinario a differença não é grande. Demais o trabalho dos supp.<sup>tes</sup> é sempre mais enfadonho, mais nojento e difficil do que o dos medicos. Qual será mais suave, o tomar o pulso, ver a lingua e ouvir a historia d'um doente; ou examinar-lhe de perto uma ulcera asquerosa, lanceolar-lhe um tumor cheio de pus fetido, reduzir-lhe uma fractura, ou fazer-lhe uma operação qualquer? Dizer-se que o trabalho dos cirurgiões é quazi exclusivamente manual é o maior dos contrasensos a menos que se não queira equiparar os supp.<sup>es</sup> áquelles de certa epocha, os quaes de barbeiros hoje passavam a cirurgiões amanhã so por uma portaria de Ministro! O trabalho dos cirurgiões, Senhores, é pelo contrario um trabalho duplo — intellectual e manual. — As ulceras escrophulosas, as siphyliticas, por exemplo, curam-se acaso só com a applicação d'ungentos ou fios? não de certo. Pelo contrario depende sempre o seu bom exito das boas applicações internas. Logo o cirurgião tem, como medico, o trabalho intellectual de historiar o doente, examinar-lhe o pulso, a lingua, numa palavra, o seu estado geral, e fazer-lhe as prescripções convenientes; e tem de mais o trabalho de examinar as feridas, e cura-las umas vezes e outras manda-las

curar. Um outro mister dos cirurgiões (e esse per-si só seria bastante para vos levar, Senhores, a reconhecerdes quanto direito tem os supp.<sup>tes</sup> ao augmento dos seus ordenados) é o exercicio da medicina operatoria. Desde que os supp.<sup>tes</sup> entraram para cirurgiões d'este Hospital jamais deixou de ser nelle admittido doente algum que precise operar-se, jamais deixou de fazer-se operação alguma, pequena ou grande, facil ou difficil. Extirpações de kystos e de schyrros — laqueações — amputações de peitos e de membros — a autoplastia (renovação ou substituição das partes do corpo) e outras muitas são operações que os supp.<sup>tes</sup> tem praticado successivamente, acrescendo o grande trabalho que ellas trazem apos si qual o de serem os curativos consecutivos feitos só e exclusivamente pelos supp.<sup>tes</sup>. Vão alem disso os cirurgiões operar ás enfermarias de medicina em doentes que estão a cargo dos seus companheiros; lá vão elles sangrar, lá vão praticar a parascenteze abdominal, e lá vão operar na enfermaria de partos que é dos medicos. Nenhumas operações ou quazi nenhuma fazião os cirurgiões antigos e comtudo percebiam o mesmo ordenado que os supp.<sup>tes</sup>. E vós, Senhores, sabeis de sobejo o preço porque taes operações costumam remunerar-se para que seja preciso encarecer-vos aqui os nossos trabalhos. Os cirurgiões vão como os medicos assistir aos doentes no Hospital d'invalidos e á cadeia. Vão tambem ás conferencias feitas em medicina, frequentam e percorrem todo o Hospital, e estão por conseguinte tambem sujeitos a serem affectados d'uma molestia epidemica quando ella reine, o que Deus não permita. Os supp.<sup>tes</sup>, Senhores, tem um curso regular e completo de medicina e cirurgia como os seus companheiros. A novissima reforma das Escolas de Lisboa e Porto equiparou os seus alumnos aos da Universidade de Coimbra; as mesmas cadeiras, as mesmas disciplinas n'uma como na outra. Falta aos supp.<sup>tes</sup> um grau porque um punhado de orgulhosos e egoistas lh'o tem guerreado. Mas que importa? Dá essa mera cerimonia alguma sciencia? Influe ella nas qualidades ou dotes pessoas do individuo? não. O mais que faz é infatuar alguns filhos d'Escuiápio, torna-los orgulhosos para com os seus irmãos e lisongeiros de si mesmo... Vós, Senhores, para quem taes vanalidades são indifferentes, o que quereis decerto é que os vossos facultativos cumpram os seus deveres dentro do Hospital, e sejam caritativos para com os doentes; e é o que os supp.<sup>tes</sup> tem feito ate aqui e continuarão a fazer. Os supp.<sup>tes</sup> não querem nem devem captar por mais tempo as vossas attentões, que de mais tem elles dicto para que pessoas tam illustradas como voz reconheçam quanta justiça lhes assiste para que os seus ordenados sejam elevados, pelo menos aquelles dos medicos, como até agora acontecia. Tudo esperam pois da vossa indubitavel sabedoria e imparcialidade. Os Supp.<sup>tes</sup> terminam pedindo-vos a mesma graça que nos annos preferitos lhes tem sido concedida de os gratificardes com o ordenado que pertencia ao sangrador e ajudante de cirurgia, e cujo trabalho está a cargo dos supp.<sup>tes</sup>. É menos exacta a negativa de que os supp.<sup>tes</sup> façam tal serviço. Quem cura os soffrimentos mais melindrosos? Quem faz os curativos consecutivos ás operações? Alguns curativos fazem os enfermeiros mas estes são os mais simples, e sempre debaixo da direcção e vigilância dos supp.<sup>tes</sup> que são por tudo os unicos responsaveis. E os supp.<sup>tes</sup> attendendo a mais algum trabalho que os enfermeiros tem dão-lhes sempre algũa cousa dessa gratificação que tem recebido.

Os supp.<sup>tes</sup> esperam a vossa justa decizão

*E. R. M. ce*

Segue uma nota da Mesa que diz: «Fica elevado o ordenado de cada hum dos supplicantes a cento e vinte e cinco mil reis, e alem deste cada hum dos mesmos supplicantes receberá metade do ordenado de Sangrador (25\$00) em quanto não fôr provido o emprego de Sangrador, isto é comessar desde o primeiro de Julho, etc... 30.4.1862.»

Os dois cirurgiões interessados eram *Antônio Joaquim Pinheiro de Miranda* e *Joaquim José Gonçalves Teixeira de Queirós*, diplomados pela Escola do Pôrto.

Igualmente procedera a Mesa nesta conjuntura, como se viu, elevando os honorários dos seus médicos para 150 mil reis.

Antes de prosseguir, saibamos quem eram êstes médicos e êstes cirurgiões.

O Dr. *Manuel do Souto*, por vezes examinador de cirurgiões no Hospital de Guimarães, pertencia ao quadro clínico do mesmo em 1827; em 1826, porém, servia idênticamente o hospital de S. Francisco, da mesma cidade; data dêsse ano a sua nomeação. Ao tempo daquele citado requerimento era já velho o Dr. *Souto*, pai do Professor da Escola do Pôrto Dr. *Agostinho do Souto*, que fôra também cirurgião do Hospital da Misericórdia vimaranense. De 1827 a 1862, aquela data da sua nomeação para o de S. Francisco, esta do referido requerimento, passam, como se vê, 36 anos de trabalho clínico (4).

O Dr. *Silva Areias* houvera sido nomeado para o serviço da Santa Casa em 1853 (24 de Janeiro), conforme se verificará em documento adiante transcrito; em 16 de Janeiro de 1868 requeria à Mesa a sua aposentação.

Dos dois filhos da Escola do Pôrto, o Cirurgião *Teixeira de Queirós* fôra admitido em sessão de 11 de Setembro de 1858.

Terminára o curso em 1853; em 25 de Julho do mesmo ano, pelas 10 horas da manhã, defendia tese, ficando plenamente aprovado.

Intitulava-se ela *Breves considerações à cerca da operação do Trepano* e tem o número 143 do catálogo das

---

(4) Vid. mais amplos esclarecimentos em: *Luis de Pina Vimaranes*, etc. Op. cit.

teses organizado pelo Prof. J. A. Pires de Lima (1). Apresenta ao alto duma das folhas de entrada o visto do Prof. Pereira Reis, em 15 de Julho daquele ano, o qual presidiu ao acto da defesa, sendo argüentes os professores António Bernardino de Almeida, António Fortunato Martins da Cruz, Luís António Pereira da Silva e João Ferreira da Silva Oliveira.

A dissertação é dedicada a seus pais e sua tia Maria do Carmo, adornando as frases com uma citação de Ovídio, outra de Cícero.

Depois, dirigindo-se ao *Doutissimo Jury*, encastoa ao cimo do introito esta frase de La Bruyère *celui que n'écrit que pour satisfaire au devoir a droit à l'indulgence de ses lecteurs. (sic)*.

Vemos que ressaibos duma cultura literária apreciável fingem aqui e ali a dissertação, apesar da célebre frase do famoso La Bruyère ter saído estropiada na cópia.

Noutro ponto da obra afirma-se *Queirós*, a propósito da sua ainda escassa prática, «falta d'experiência que, como diz o erudito Rostan (*sic*) he a melhor escola do nosso século...».

Era lido, o cirurgião de Guimarães! Após ter traçado a história da trepanação, bem feita e escrita, passa aos diferentes pontos das suas indicações, técnica, etc. Termina pelas proposições, das quais destaco a primeira:

«A Anatomia e a Physiologia são os mais fortes esteios da Medicina.»

Esta frase prova, que farte, o alevantado espirito médico então reinante na velha Escola de Cirurgia do Pôrto.

A dissertação compõe-se de 13 fôlhas rubricadas pelo Prof. Reis, além do frontispício.

O Cirurgião *Pinheiro de Miranda*, sôbre o qual estou preparando um pequeno trabalho, bem merecido, formara-se em 1840, tendo-se inscrito em 19 de Setembro de 1835, com 22 anos, no 1.º ano da Real Escola de Cirurgia do

---

(1) J. A. Pires de Lima — *Catálogo das dissertações inaugurais apresentadas à Escola Médica desde a sua fundação*, Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto. Coordenado sob a direcção do Prof. Dr. Thiago d'Almeida. 1908 — Pôrto.



Pôrto; ao deixá-la, já ela se havia transformado em Escola Médico-Cirúrgica. No ano da sua entrada, diplomara-se o Prof. Bernardino de Almeida o *mais illustre cirurgião que a Escola teve no seu seio* (1).

Era o cirurgião *Miranda* natural de Santo Tirso, filho de *Rodrigo António Pinheiro* e *Ana Rita Correia*. A sua dissertação inaugural domina-se:

*Vantagens da incisão pelo processo de M. Goyrand, no tratamento da flexão permanente dos dedos, pela retracção d'aponevrose palmar* (n.º 59 do catálogo).

E' uma pequena obrazinha de 11 páginas manuscritas, dividida em 5 parágrafos, terminada pelas obrigatórias proposições. O Prof. *Ferreira Braga* lançara no alto da página introdutória o seu *admissível*.

Uma das proposições (1.ª) diz:

«O estudo da Anatomia Pathológica é de grande utilidade para os progressos da Cirurgia»

Transcrevo esta frase pela simples razão de demonstrar que o distinto cirurgião, na sua vida clínica, apoiava firmemente no estudo daquela Anatomia o seu saber de prático. E tanto assim que, 12 anos depois de isto escrever, êle propunha à Mesa do Hospital da Misericórdia serem autopsiados por si os doentes que indicasse, a fim de estudar as causas da morte, etc. (2).

Não esquecerá, jãmais, a *grande utilidade* da Anatomia patológica nos progressos da Cirurgia.

Este seu espírito científico, essa sua clarividente intelligência, fazem-no sobrepujar os restantes cirurgiões e, por êsse motivo, julgo que merece um dia mais largas referências.

Mas, voltemos ao requerimento atrás transcrito. O tema dos mesmos é a diferença de capacidades e honras

(1) Maximiano Lemos. — *História do ensino médico no Pôrto*. — 1925-Pôrto.

(2) Luis de Pina — *Vimaranes*. — Op. cit.

entre Doutores de Coimbra e os Cirurgiões do Pôrto e Lisboa, a qual até servia para serem mais bem pagos os serviços dos primeiros!

Já o Regulamento das ditas Escolas concedia regalias aos seus diplomados, expressas já por Maximiano Lemos (1); dentre elas, gozavam a de «poderem exercer a medicina onde não houvesse médicos formados pela Universidade de Coimbra, ou onde o seu número não bastasse para satisfazer as necessidades dos enfermos»; isto era, sem dúvida, um pé de igualdade muito recomendável.

Invocavam os médicos, no seu requerimento a maiores honorários, grandes tarefas clínicas, infecções várias, rigor do inverno, etc. Como se para os cirurgiões nada daquilo houvesse neste vale de lágrimas!

Além disso, todo o seu trabalho era intellectual, ao passo que o dos cirurgiões era manual! Mas, acima de tudo, havia o Grau, o Grau bitola de intelligência, o Grau nível de sabedorias, que estremava perfeitamente—à face da Sociedade—os dois campos: *superior* da Medicina e *inferior* da Cirurgia!

A Faculdade cavalgando a Escola, o capêlo confundindo a casaca, o Doutor sábio esmagando, soberbo, o mecânico cirurgião.

Contudo—ó Céus!—não se envergonhavam os filhos da Faculdade de lembrar à Santa Casa que os mesários doutros tempos tinham tido a *caridade* de pagar as décimas aos seus clínicos hospitalares!

O Grau estava pedindo esmola e não còrava!

Ouçamos agora os práticos da Cirurgia; pedinchões como aqueles, mas mais dignamente—pois à *caridade* chamam *graça!*—, sabem exteriorizar seus pensamentos em mais asseada linguagem e compostura, o que não faz admirar se nos lembrarmos dos homens que subscreveram a petição, ambos de cultura razoável e conhecimentos de louvar.

Os argumentos que *Queirós* e *Miranda* formulam modestamente, são bem lançados, sensatos, correctos!

A enumeração das operações que executavam mostranos que a cirurgia no Hospital de Guimarães não estava

---

(1) Maximiano Lemos — *Hist. do ens. méd.*, etc. — Op. Cit.

descurada, antes se executavam intervenções de certa grandeza, como as autoplastias. O número de doentes era avultado.

Creio bem que os médicos se saíram mal feridos desta justa e que os dois cirurgiões não deixavam por mãos alheias o que se aprendia na velha Escola-Mãe portuense, nem queriam ser comparados aos barbeiros que com portaria ministerial passavam a cirurgiões!

É muito assisadamente declaravam que, apesar de haver equiparação de cursos entre Pôrto e Coimbra, o Grau continuava a impor as suas soberbas, nada mais fazendo que

«infatuar alguns filhos d'Esculápio, torna-los orgulhosos para com os seus irmãos e lisonjeiros de si mesmo...».

Vem-me à lembrança agora o que algures li a propósito destas distinções entre Medicina e Cirurgia — que tão caricata foi no meio parisiense — escrito pelo Prof. Hernâni Monteiro, numa das suas recentes obras de história médica; conta o ilustre cientista que o Prof. Roberto Frias, na lição inaugural do curso do seu 5.<sup>o</sup> ano médico afirmou: *não ha distinção nítida, rigorosa, entre medicina e cirurgia* (1).

Ribeiro Sanches, o nosso grande Ribeiro Sanches dizia, em 1763, haver grande necessidade de os médicos aprenderem cirurgia, para acabar com «*esta classe de homens com o nome de cirurgiões*» (2); no seu projecto da Reforma do ensino médico em Portugal mostrava desejos de serem estudadas conjuntamente a Medicina e a Cirurgia.

Mas já o próprio Miranda, na 2.<sup>a</sup> proposição da sua tese, dizia:

«A divisão da arte de curar em Cirurgia e Medicina é puramente escolástica.»

(1) Hernâni Monteiro — *Suplemento à «História do Ensino Médico no Pôrto»*, do Prof. Maximiano Lemos. — Pôrto. — 1925.

(2) Ribeiro Sanches — *Método para aprender e estudar a medicina*, etc. Paris. MDCCCLXIII.

Jâmais pensaria êle que esta sua afirmativa havia de lhe causar, vinte e dois anos mais tarde, o acre dissabor que o levou a assinar uma exposição como aquella!

Seis anos depois de terem sido apresentadas as reclamações transcritas, nova petição formulava à Mesa acolhedora da Santa Casa o Dr. Silva Areias; porém desta vez a leitura magoa-nos, amachucada a nossa sensibilidade pelo clangor dos termos que soam a lamúria de pedinte! A desgraça abatera a altivez inquebrantável de 1862. Leia-se:

Ill.<sup>mos</sup> Senr.<sup>es</sup>

Diz o Bacharel em Medicina Joze Joaquim da Silva Areias, desta cidade, que havendo sido nomeado Medico do Hospital geral da Santa Casa da Misericórdia d'esta mesma cidade, em 24 de Julho de 1853, tem constantemente exercido este emprego. O serviço do supp.<sup>e</sup> no dito hospital mereceu sempre e em todo o tempo a approvação e elogio de todas as Mezas da sobredita Santa Casa da Misericórdia pela sua effectividade, zelo e promptidão, bem como mereceu o geral louvor dos pobres enfermos recolhidos e tratados no mesmo hospital. O supplicante, alem das visitas ordinarias de sua obrigação que sempre forão feitas em tempo e horas convenientes com vagar e com a possível perfeição, nunca se negou a faze-las extraordinarias, quando precisas, assim como as muito perigosas em tempo de epidemias, typhos, cholera-morbus &c affrontando o perigo, sempre firme no seu posto. Hoje porem está o supplicante entevado e até privado da falla, em consequencia da paralytia que o accometteu, e por isso impossibilitado de exercer a longa clinica que tinha em quanto teve forças e saude, ao mesmo tempo que são escassos os meios que tem para viver o resto de seus dias. Nestas circumstancias, etc. . . .

P. a V. Ex.<sup>as</sup> se dignem  
assim o haver por bem.

E. R. M.<sup>e</sup>

O tempo tudo cura e na indigência se alquebram os soberbos e dobram as mais indomáveis cervizes, por misteriosos, e às vezes tão justos, castigos de Deus, que vela e olha paternalmente êste atribulado girar do Mundo!

Da leitura dos requerimentos ao começo d'êste trabalho expostos, colhe-se a impressão de que a cirurgia provinciana, pelo menos em Guimarães, progredia segura e inteligentemente, mercê de alguns filhos da Escola do Pôrto, que para ali transplantavam as sábias lições de Mestres como *Vicente José de Carvalho*, *Assis Vaz*, *Bernardo Pinto*, *Bernardino de Almeida* e outros!

A criação das Escolas de Cirurgia foi um acto de alto patriotismo e de préstimo incomensurável para a arte de curar. Progrediu-se imenso após a data memorável de 1825. Até então, era de deplorar o estado da cirurgia fora dos grandes centros. O próprio ilustre anatómico Vicente de Carvalho o confirmara (1).

E tudo isto se ficou devendo aos primeiros professores das mal acarinhadas escolas de Lisboa e Pôrto. Quanto aos desta, é Maximiano quem diz que tiveram de lutar «tenazmente, homêricamente por vezes, para que a nascente instituição se enraizasse e pudesse viver vida honrada. Não nos cega a afeição à Escola em que nos fizemos, afirmando que êles foram beneméritos de ensino» (2).

A vida honrada da Mãe era continuada cá fora pela vida honrada de seus filhos, pelejadores com senso e inteligência contra os malsinadores que ao pedante escárnio iam buscar os raios com que julgavam fulminar de vez as pobres Escolas. *Sic transit gloria mundi...*

LUÍS DE PINA.

---

(1) Maximiano Lemos — Op. cit., pág. 7.

(2) Idem — Op. cit., pág. 17.